

DELEGADO PEDROSA
E O CRIME DA
CASTRACÃO

CLAUDIO LOPES

 EDITORA
RIDEEL

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade e dedico a presente obra à minha família, inspiração constante sem a qual nada seria exequível.

O autor.

SUMÁRIO

1	Eu quero, preciso, mereço e posso	1
2	Duelo mental	4
3	Relembrando	7
4	Tentando entender	15
5	De volta à realidade	20
6	O crime da castração	29
7	A cena do crime fala	45
8	A hierarquia	55
9	Uma mão lava a outra	58
10	Parece ter sido a esposa	70
11	Novamente com Alice	78
12	Os caminhos do doutor Medina	83
13	A veterinária	85
14	Um mês antes	90
15	Os arquivos do doutor Medina	95
16	O funeral	99
17	Sou esposa de polícia	108
18	Está feito!	113
19	Após o crime	127

20	Precisamos de solução	130
21	Revedo o caso	133
22	A tia Amélia	143
23	No consultório da doutora Cris	146
24	A solução	163
25	Devolvendo a calopsita	170
26	Com o Delegado Diretor.....	175
27	Balançou	183
28	Encruzilhada	190
29	Decidido	194
30	Insônia	199
31	A última diligência.....	205
32	Um ano depois	211

1

EU QUERO, PRECISO, MEREÇO E POSSO

Ele caminha resolutamente em direção à entrada do Hipermercado, e segue automaticamente para a área das TVs de 50", com os pensamentos em desalinho, mas tentando se arrumar. O cérebro trabalha na tentativa de ordenar por grupos e na hierarquia correta. Lembra dos seus inquéritos inconclusos, das cirurgias que a esposa ainda precisa fazer, da renda insuficiente e desproporcional em relação à dedicação e produção que gera em sua atividade principal, dos sintomas que vêm lhe mostrando que seu TOC parece estar aumentando, das necessidades especiais do filho mais novo, e isso, e isso, e mais aquilo.

Seus inseparáveis sapatos sociais marrons do tipo mocassim percorrem com firmeza os corredores do estabelecimento, pois conhecem de meses o caminho, com visitas quinzenais quase como um ritual.

O celular vibrou e tocou.

- Fala Vieira, tudo bem? O que foi?
- Doutor, a campana lá deu certo. Estão trazendo os três indivíduos para lavrarmos o auto de prisão em flagrante.
- Ótimo, peça para o doutor Rogério fazer isso.



4

TENTANDO ENTENDER

Falar com os filhos exigia um cuidado especial, principalmente com o mais novo, Felipinho, na época com 5 anos e portador de Síndrome de Down.

Logo que chegaram, a Bia e o Fê correram para o carro do tio Fernando, medrosos e curiosos sobre o porquê de o pai chegar sem a mãe e sem que estivesse no próprio carro.

Leila ficou na porta de entrada para a sala, imóvel, com a mão tapando a boca e temendo pelo pior.

Felipinho estava a uns 15 metros, em uma cadeira de balanço pendurada em um galho de árvore, tristonho, mas sem choro, sem se alterar pelo movimento, com o olhar resignado, como se já soubesse do ocorrido.

A ligação dele com a mãe era especial e era a primeira vez que ele ficava três dias longe dela, e quando os minutos foram avançando para além do horário de a mãe chegar, a tristeza foi se instalando, ao mesmo tempo que crescia a certeza de “coisa ruim”.

Pedrosa aproximou-se dele.

- Meu filho...
- Eu sei papai.

- Você ouviu, mesmo daqui, eu dizer para os seus irmãos?
- Não ouvi papai, mas eu sei que algo aconteceu; e também sei que a mamãe vai voltar.

Não houve abraços nem lágrimas, o filho desceu da cadeira e os dois pezinhos se encaminharam para perto do pé de jabuticaba, mais abaixo. Pedrosa fez sinal para a filha para que ficasse com o pequeno. Bia obedeceu, mas chorando, ainda abalada com a notícia do acidente. Ela e o irmão caçula se olharam, nada disseram, e mesmo assim se compreenderam.

Leila também estava chocada, mas tinha que demonstrar força naquele momento, e deixou para saber dos detalhes depois. Sua preocupação principal era substituir por mais um tempo a ausência da amiga, principalmente para o filho mais novo dela, que visivelmente estava próximo do limite, e de quem ela não tirava os olhos, tentando ouvir e entender o coraçãozinho do afilhado.

O filho de Fernando foi para o quarto, ele não gostava de chorar em público, como fazia a irmã.

Fernando observa que Pedrosa está sozinho perto do pé de manga, aproxima-se do amigo e lhe diz:

- Porra, Beto, ainda não consigo entender; você foi abalroado exatamente no momento em que a Nice soltou o cinto?
- Eu já te contei isso três vezes Fernando, dá uma olhada na gravação da câmera que estava no carro, pô!
- Não cara, não é nada disso, não estou duvidando do que você contou, só não estou acreditando que possa ter sido coincidência.

8

A HIERARQUIA

O delegado anima-se ao ver duas viaturas chegando ao local e os policiais de sua equipe se dirigindo para as casas à procura de câmeras e de testemunhas. Ele acena de longe e grita: “vamos rachar esse crime pessoal!”. Pedrosa sabe que será cobrado por resultados e, por isso, quer colher o maior número de provas possível o quanto antes.

Os documentos do doutor Medina estavam na carteira, mas dinheiro não havia. Pedrosa manda que um investigador fique com os cartões para que possam rastrear os locais em que foram usados mais recentemente.

Putaquepariu – Pedrosa lembra que ainda não deu ciência dos fatos aos seus superiores enquanto sente o telefone vibrando, no visor identifica que a chamada é do seu Delegado Diretor.

Antes de atender, ele pensa: “Nessa correria do caralho, eu esqueci de dar ciência do ocorrido, só espero que ele não tenha recebido a porra do vídeo pelo WhatsApp”.

- Alô doutor, boa noite! Ia ligar para o senhor em alguns minutos, estou num local de homicídio.
- Boa noite! Já estou sabendo e também já recebi um lindo vídeo caseiro gravado na cena do crime! Caralho, Pedrosa,

11

NOVAMENTE COM ALICE

- Eu achava que você iria mesmo voltar, mas não imaginava que fosse tão cedo, delegado. Você veio me avisar que já liberaram o corpo do Medina?
- Ainda não, Alice. Você já sabe como ele morreu?
- Não, nem você e nem ninguém me disse ainda; só ouvi o seu auxiliar dizer que houve violência, ou algo assim, mas parece que agora vou ficar sabendo. Como foi?
- Em primeiro lugar, o Vieira é um investigador de polícia e não meu auxiliar.
- Ora delegado, deixa de melindres, se o homem lhe ajuda, lhe auxilia, é seu auxiliar; mas deixa isso pra lá, como mataram o Medina?
- Vamos sentar, Alice.

Dessa vez, Alice se encaminhou para a mesa da sala de jantar, seguida pelo delegado.

- Estou pronta, delegado, só não tenho um lenço em mãos, mas se eu chorar, você me empresta o seu - o sarcasmo ficava evidente.
- A morte dele foi cruel, Alice. Primeiro prenderam ele na mesa da marcenaria e...

17

SOU ESPOSA DE POLÍCIA

Nice e Leila tinham uma rara oportunidade de conversar a sós.

- Me fala de verdade como vão as coisas, Nice.
- Então, amiga, é como tenho falado pelo telefone, minha recuperação está indo dentro do esperado, mas só posso fazer a próxima cirurgia dentro de quatro a cinco meses, não está certo ainda.
- Isso tudo eu sei, Nice, você já tinha me falado. Eu quero saber é sobre o que você não pode me falar pelo telefone; sua voz anda tensa, tem alguma coisa que não está bem. Eu aproveitei que o Fê tem coisas pra resolver aqui em São Paulo e vim te ver, e saber o que te angustia, minha amiga.
- Leila, de verdade, está foda; me desculpe, mas às vezes acabo usando o palavreado do Pedrosa.
- Não liga para isso, Nice, acontece comigo também; ele e o Fê têm um linguajar bem parecido, né, são homens inteligentes e estudiosos, mas falam palavrão da maneira mais normal do mundo, acho que no meio policial deve ser comum; também, coitados, não deve ser fácil trabalhar na polícia, convivendo com violência, morte, pressão – já ouvi dizer que falar palavrão desestressa, né – Leila riu. – O que é que está tão ruim?